



*A Vida do
Morto*

JOÃO KATOMBELA

JOÃO KATOMBELA

A VIDA DO MORTO

Outubro 2021

Ficha técnica:

Título: A Vida do Morto

Autor: João Katombela

Editora Digital: "Água Preciosa"

Texto: Verdana 12

Paginação & Capa: João Katombela & Belson Hossi

Foto Capa: Domingos Mucuta

© - Direitos reservados

Impressão: ??????????????????????

Índice

DEDICATÓRIA	6
AGRADECIMENTOS	7
PREFACIO	8
A caminho da perdição	9
Desilusão	11
Tywaku	13
Morte	15
Carta sem destinatário	17
Paludismo	19
A vida do morto	21
A igreja	23
O Mar	25
Desejo	27
Filho de um soldado	28
Fio de Água	30
Gritos de mãe	32
Angola chama	34
Tu que choras	35
À vós irmãos	36
Maldição	37
Do outro lado do rio	38
Era Chuva	40
O algodão	41
Que queres ó mulher?	42
Chamem-me combatente	43

É preciso pensar	45
Se eu chorar	47
Na rua onde eu moro	48
O que a verdade não disse	50
Encontrem-se	52
Gente que Chora	54
Doar sangue	56
Não foi você?	57
Profecias de amor	59
Propagandas de amor	61
O SIDA	63
Haja chuva	65
Pedido de Morte	67
Choros à Luanda	69
Identidade	71
Canto ao álcool	73
Sobre o Autor	75

DEDICATÓRIA

À minha família, a minha mãe que abdicou de tudo para dedicar-se à minha formação mesmo jovem solteira, à todos os meus amigos de cá e de lá, de longe e de perto, aos meus avôs de fez memória. Aos meus filhos, que de certo modo tiveram de ser privados de alguns direitos enquanto produzia as ideias que hoje saem na forma de livro

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo Dom da Vida, a minha mãe, à todos amigos que tornaram possível este obra, agradeço do fundo do meu coração a Academia de Autores da Huíla, aos amigos que prestaram o seu apoio, particularmente, os Padres Benedito Kapingala, Belchior Chiopio, ao Padre Anacleto Quaresma Alves Cambinda (Mwanakalunga Mukuluntu), que do coração da Itália tirou do seu precioso e apertado tempo para prefaciá esta obra. Muito obrigado.

PREFACIO

Sem arte podemos morrer de tanta realidade mas a arte é o meio que o artista usa para exprimir a alma colectiva da realidade do mundo em que vive.

Ferindo com palavras soltas nestas páginas vazias, fazendo um retrato a preto e branco de modo abstractamente violento, com palavras que exprimem a voz do silêncio, com um pensamento vago eis que com a sua pena o poeta procura descrever poeticamente real invisível.

Vê com muita nostalgia como a alma angolana se vai separando a largos passos e em tão curto espaço de tempo desse povo cheio de memória, gloria e história, generosidade e, sobretudo, hospitalidade.

Em cada palmo deste vasto território a que chamamos Angola há um pouco de riqueza espiritual e material, mas são elas proporcionais à sua pobreza abismalmente vertiginosa e ainda assim nos gabamos disso. “Uma das coisas mais absurdas da vida é poder ter tudo, no que tange aos bens materiais, sem poder usufrui-los. Ah, uma grande decepção desse povo que em cada dez pessoas oito são vivos de apenas sobrevivência.

O mestre da pena nutre uma grande admiração por este povo no qual vive e faz parte e do qual tem saudades. Saudades daquela Angola que na dor sabia sorrir, no pouco dividir, que na guerra sabia e tinha palavras repletas de paz... saudades daquela Angola que sem tecto abrigava os órfãos, sem alimento repartia o pouco pão que não tinha, nua vestia os nus... saudades daquela Angola que com a sua fé podia mover montanhas e pela sua perseverança alcançou a paz...

Ele conhece uma Angola que chorou lágrimas de sangue pesadas como chumbo, vive na miséria por causa da sua ganância e da dureza do seu coração que ante a bondade de Deus multiplicou e multifacetou as suas práticas violentas...

Anacleto Quaresma Alves Cambinda

(Mwanakalunga Mukuluntu)

A caminho da perdição

Longa fila de homens
negros como nuvens
repletas de água,
caminha percorrendo rua a rua
sem saber o que querem!
São homens jovens
caminhando caminhadas
em busca da vida,
uma vida que nem se quer lhes pertence!
Estes homens que não
têm destino, caminham perdidos em direcção
ao caminho da perdição,
são levados por uma força de que não se tem noção!
Homens jovens embrulhados
nos mais variados
formatos de morte, a que eles mesmo estão voltados;
como a cerveja, a gasolina
a liamba, a cocaína
e até mesmo aos feitiços!
Estes homens que vivem
fugindo do mundo do bem,
da paz e da concórdia,
o mundo saudável que cada um deles odeia
aderindo ao mundo do não,
o mundo da ilusão!
Estes homens escravos do vício,
predadores do precipício
autênticos legionários
pelejando na vida destrutora do ócio
trazendo para si uma auto anulação
refrescando-se cantando com o hinário
de uma grande perdição:

*Apesar de todo o mal que você me faz,
com toda a força do meu pulmão te quero mais!*

Lá vão eles conscientes e fiéis à caminhada
caminham apressados mesmo que se mostre cada
detalhe do abismo que os espera,
lá vão eles apressados, qual uma manada á água

14-04-09

Desilusão

A dada altura do meu peregrinar neste mundo,
busquei o caminho da felicidade em cada segundo
do meu respirar ante a este padecer profundo!
Achei que fosse necessário amar para ser amado,
perdoar mais, para ser-se perdoado,
pensei que fosse necessário dar-se a conhecer
para então melhor conhecer, mas ninguém entendeu o meu ser!
Achei que fosse importante humilhar-se para ser exaltado,
ouvir mais do que ser exactamente ouvido,
morrer para se ressuscitar e viver imaculado,
nem mesmo nisso fui apoiado!
lancei o meu Lázaro olhar
para os quatro cantos deste cosmo
diariamente iluminado pela luz do luar,
consultei os magos de aqui, para saber como
se pode seguramente chegar a beatificação,
nem para isso encontrei satisfação!
Confiei na voz do Evangelho, depusitei a minha confiança
nos cofres das homilias sacerdotais,
e nas pretensas sábias pregações pastorais,
no advento de que renasça daí uma esperança!
Dizem que quem não ouve conselho,
nunca chega a velho,
mas que conselho devo eu ouvir, se a vida
insistentemente me dá
luzes para perceber que nada valho?
Descobri que os arautos da minha terra
nem de longe vivem a sua pregação,
e que as mentes iluminadas são
elas que maquinam toda guerra!
Que desilusão!
Descobri que o amor já não ama,

que perdoar, significa vingar-se,
que humildade é sinónimo de burrice,
descobri que dar-se a conhecer é abrir
as portas da fortaleza para o inimigo,
e que o nepotismo é a melhor forma
da coexistência humana!
mas a pior desilusão,
só chegou quando descobri
que os meus únicos dois litros de sangue
além de não pertencerem ao meu coração,
ainda são requeridos pelos vampiros e sanguessugas,
descobri que a minha casa não é minha,
que o meu pai não é meu,
descobri que eu não sou eu!
A desilusão cresceu mais em mim quando descobri
que eterna é a minha fome e que nem mesmo depois
de morto, ainda me querem matar!
Descobri que afinal, as igrejas são um mercado
onde o objecto negocial é deus e o homem próprio
descobri finalmente que o homem fez-se deus,
um deus divinizado e idolatrado pelos mais pequenos e fracos
um deus sacramentado pela grandeza dos seus pecados
e a onisciência do seu ódio!
Que desilusão!

20-07-10

Tyiwaku

Tanta suadade
e muita culpabilidade,
tanta vontade
mas vã certeza de um dia poder saber
pelo menos onde repousas Tyiwaku!
Mas, nos digam!
para onde o levastes?
se o matastes, onde o sepultaste?
queremos chorar Tyiwaku!
Que tipo de irmãos fomos nós,
e que cristãos fostes vós!
é assim que se evangelizas?
por favor que alguém de vós nos diga!
Quanta ingenuidade,
nós vo-lo entregamos para efeitos de paz
que poderia trazer a nossa felicidade
mas vós fostes covardes, quando só queríamos
da vossa presença uma desinteressada amizade!
Tínhamos o nosso Kalamba,
ao qual rogávamos a chuva, o sol e a sombra,
rogávamos através do ngoma
e ele no-la dava, nós tínhamos o nosso kalunga!
Mas vós ajudados pelas águas do Kubango,
quisestes mostrar-nos um deus que Tyiwaku nosso mwene,
não quis reconhecer, por isso o obrigamos ao combate
ante a vossa presença, e mais tarde vo-lo entregamos,
fizemo-lo para nos entendermos como humanos!
Mas vós o levastes para onde não sabemos,
por isso agora e insistentemente perguntamos,
para onde levaste Tyiwaku?
Se nem um túmulo tem,
onde o vamos chorar, nas ilhas de São Tomé?

onde o vamos chorar, na mulemba, ou no tombe?

queremos chora-lo como mwene,

queremos tê-lo como herói dos ngangela,

vamos procura-lo onde quer que seja!

09-07-09

Morte

Ó amiga rejeitada,
quando poderei perceber
que existes, que és minha amiga,
uma amiga mal amada,
até quando te poderei conhecer?
Ó irmã desconhecida,
até quando saberei
que pela vida é minha irmã,
uma irmã que não sei se será por mim amada!
Ó morte, minha companheira,
companheira fiel e sempre presente,
por quê te revestes de um carácter surpreendente
quando te apresentas?
Ó, que diferente maneira
de mostrar que estás sempre presente,
estás presente no exagero das cervejas
na velocidade das invejas,
no furo da camisinha e no acidente
de cada buraco ignorado nas estradas!
Não importa como és chamada,
kalunga, kufa, kutsa kungya,
o que importa é saber que estás
em cada passo que dou
em cada esconderijo em que vou!
Ó ponto paragrafo desta vida,
confundindo o princípio com o fim,
mas eu acredito mesmo assim,
que tu, ó morte, não és o fim dela,
a vida tua irmã, porque além da vida que se tem,
existe uma outra vida além!
Ó amiga entristecedora,
odeio-te quando antecedes qualquer pessoa,

mas amo-te, amo-te porque quando chegas,
a dor desaparece, as diferenças deixam de existir!
não olhas para quem,
mulher ou homem,
empresário ou camponês
nunca olhas para a grandeza ou pequenez,
deputado ou farrapado!
Contigo sim,
contigo somos realmente um só povo,
repete-se tudo, precisamos alguém para o banho,
tal como no dia que nascemos, nada se pode sozinho,
precisamos de alguém que nos calce, sem se ver se é velho ou novo!
Hum!
Quando me lembro que existes,
cruzo os braços, levo a vida feito Epicuro,
sem ter que me preocupar com o estômago
ou com stock!
Trabalhar sem guardar,
comer sem deixar
viver pedindo perdão!
mas a minha mãe dizia “Okalye ndeveke, okasoleke ndotchitende”
01-10-11

Carta sem destinatário

À vós todos escrevo esta carta,
à vós daqui e da lá, da cidade e da mata,
escrevo com palavras que de certa
maneira não são minhas!
À vós todos, dos hemisfério sul ou norte,
abastados ou com pouca sorte,
vos escrevo daqui bem dentro da noite,
para dizer-vos que cada tempo
tem o seu próprio tempo!
O que digo-vos nesta carta
francamente não vem de mim,
muito menos de Deus, porque se assim
fosse, ter-me-íeis como profeta,
e isso nunca fui, foram-no eles; Agostinho Neto
Jonas Malheiro Savimbi, Holden Roberto,
que predisseram e previram um futuro por eles desconhecido!
Foram-no sim, estes homens que com os seus escritos,
percebe-se que já sabiam da morte que vivemos
e da vida de cão a que por vontade imprópria nos submetemos!
Mas eu escrevo-vos, hoje, agora e aqui,
escrevo para dizer-vos que chorar
já mais será sorrir, matar
nunca será um acto de salvar!
eu escrevo-vos também com toda
a verdade afirmar que abortar
nunca será preservação da juventude
Escrevo-vos dizendo
que a droga já mais faz robusto,
antes dependente e inibido,
à vós escrevo para confirmar
que nunca será o mesmo comprar e roubar,
que a política já mais será como muitos com ar

de iluminados perpetuam a arte de os fracos enganar!

Escrevo para dizer que toda a força

que não é andando na ponta dos pés

que seremos vistos de graça,

e nunca será gritando que seremos escutados!

Escrevo-vos finalmente

para confirmar que não é expondo com certeza

os vossos quadris que o mundo saberá da vossa beleza

nem mesmo deixando as vossa...! Epá, que tristeza!

Se quiserdes ser vistos,

digam a vós mesmos

que o ar que respiramos

é mais puro sem os lixos,

que com ajuda da ciências produzis,

Pois, um dia uma boca com dentes podres

e gengivas nuas, disse-me estas palavras

que hoje escreve-vos nesta carta,

esta boca com halitose, disse-me também

que “Tecido bonito vende-se em Baú fechado”

15-10-11

Paludismo

Te vi quando passeavas na asa
do mosquito rondando a nossa casa,
partindo na nossa trepadeira
sobrevoadando a nossa mangueira
até ao canto na minha orelha!

Te vi nos charcos
e nas lamas dos porcos,
dancei ao som do teu zumbir,
mas não sabia que de ti um mal poderia vir!

Pegaste no meu irmão
e sem dó levaste-o para o caixão,
nunca soube qual era o seu nome,
mas aos pouso e com muita dor no coração,
fui-me apercebendo que “quedavas” homens de renome!

Diz-me que és tu afinal,
dor-de-cabeça ou febre mortal?
há quem diga que és o plasmodium
outros ainda que és fruto da inteligência do homem!
então diga-me por favor,
quem és tu, que atacas mais a um menor
e as crianças do meu casebre
por serem filhos de pobre!

Por favor diga-me quem é este
que só derruba os inocentes
que se multiplica nas enchentes
das chuvas e nos pneus das ruas!

Te vi no pestanejar nocturno,
pensei em combater-te com o fumo,
mas um dia disseram-me que veria o meu enterro
se ao dormir não usasse o mosquiteiro!

Um dia disseram-me que perderia a minha vida
caso não usasse insecticida,

disseram-me também que falecido seria o meu nome,
se quando tivesse febre não tomasse Coartem!

Mas no outro dia disseram-me

que te chamam paludismo,

filho do mosquito alimentado de sangue humano!

10-02-10

A vida do morto

Seus covardes, com lágrimas de crocodilo,
Vozes rocas que nem grilos,
Quando adoeci nem se quer me visitastes,
Quando padecia de fome e nudez, me debochastes,
Quando pedi-vos esmolas, não me ajudastes!
Eu fui pobre, vivi morrendo de fome
Quando vocês traçavam políticas para extinguir
A minha espécie, esta que com vosso decidir
Chamou-me de pobre homem!
Criastes o combate à pobreza,
Mas nunca vos lembrastes que eu era o pobre,
fomentastes o água para alguns, enquanto eu
Saciava-me de água podre
Que me ruía os rins e me deixava mais próximo dos céus!

Fui pobre, vítima da febre
Que a vossa política circense me oferece,
Andei nu, não me vestistes
Quando a minha mão à vós estendi, apenas me batestes!

Eu fui zungueiro, vivi a minha morte bem perto da vossa vida,
Hoje me quereis chorar como se da vida a minha morte tem saída,
Vivi a minha morte como bagageiro
Transportando pesos pesados até do coveiro
E do resto de homens que viam no meu dorso
Um porto seguro para as suas chibatadas com todo esforço
Só queria pelo menos no prato dos meus filhos um pirão,
Já que da fome não nos sacia o pão!

E vós, pensaste um segundo na minha fome?
Pensastes algum dia neste pobre homem
Para qual assinais este atestado de óbito,

E com orgulho chamar-me de morto?

Sim sou um morto! Sou morto que viveu a vida morrendo

Desta saúde cancerígena que existe espalhando

Dor às famílias que nunca conseguiram pagar um táxi para o cemitério,

Sim, sou um morto que que a vossa educação de mistério,

Negou formação e que os vossos empregos pediram experiência,

Não tenho experiências nenhuma, eu sou a experiência da vossa ciência

De fino linguajar programado para matar, por isso, vivi morrendo

Por cá e por lá, por cá, onde a vossa ganância vai seguindo

Apresentando dados estatísticos fictícios

E lá onde nas rodas de amigos apresentais relatórios ébrios!

Mas agora que declarais a minha morte,

Cantam de canto em canto que eu não tive sorte,

Mas que sorte teria eu, seus covardes,

Se só ajudais os vossos compadres?

11-11-1999

A igreja

Há quem diga, onde está a igreja diante deste homem pecador?

Onde ele (o homem) quer ser senhor sem um pingão de amor,

Um senhor que olha, anda, fala e veste sem pudor!

Há quem questiona; onde estará a igreja

Diante deste jovem polígamo?

Que não perdoa, não ajuda, rasteja

Para dizer com todo o fôlego: eu amo!

Há quem pergunte; diante deste homem que saboreia

O mal lambendo os dedos como se come o mel,

A igreja qual é realmente o seu papel?

Diante deste casamento desfeito,

Diante deste lar sem amor e sem respeito,

Afinal a igreja qual é o seu papel?

Há quem observa atento e diz, se na calada da noite

Há um homem plantando faca no peito do outro,

Homem que faz do dorso do seu semelhante

O descanso do seu açoitado,

E na esquina da rua jovens projectando aborto,

A igreja qual é o seu impacto?

Diante deste jovem investigador da cerveja,

Onde estará então a igreja?

Não sou profeta, mas vo-lo digo, a igreja está na mente de cada homem

Que se oferta na procura e conquista a todo o custo do bem,

Ela (a igreja) está na mensagem que chega do além

Além do imaginário, além do nosso credo, além da nossa cor,

Além do nosso partido, está além do cheiro da nossa flor!

A igreja está na voz do professor de qualquer escola,

A igreja deve estar no grito do Polícia de qualquer esquadra,

A igreja está na voz de um ancião que nos fala,
Está no canto sonoro da ave que voa,
A igreja está na rua, está no mendigo que te implora!

A igreja está na família com paz, pois a família é um pedaço de céu,
Uma família com paz é alegria de Deus,
Afinal está bem no repúdio do pai,
Está na serenidade da voz materna que nos diz, filho (a) não sai!

07-07-2007

O Mar

Este mar de azul nos olhos
Que guarda os segredos do pescador,
Onde poisam muitos olhos,
Guarda também a minha dor!

Este mar com sabor salgado
Que sempre assiste o choro
Deste rapaz da escola desistido
Um rapaz sem formação nem informação
Apenas uma boca que lhe pede alimentação,
Uma boca com a qual clama; o Peixe é o meu ouro!

Neste mar onde eu pesco
Desde os tempos escondidos
Pela estória do carapau fresco,
Os meus descendentes não pescarão perdidos!

Este mar que me escondeu do A e do B, do 10+10 eu sei,
Pois desde o dia em que me conheceu 10 mil peixes eu pesquei
Este mar que os homens não conhecem
Que os homens não sentem, mas sabem do seu bem,
Conhece-me como ninguém!

Em cada ribombar da (calema) calemba,
No balançar da canoa
Eu aprendi uma grande lenda
A da sereia e rua onde ela mora!
Este mar que me fez pescador,
Também me fez ainda fugidor
Da escola e do professor!

Este mar que não é vivo,

Mas que nele há uma vida abundante para todo o povo
Que tem esperança, nele não prospero nenhuma sorte,
Apenas espero a minha morte!

Deste mar, quero esconder o meu filho,
Para que não seja mais um pescador
Atraído pelo azul do seu olho,
Quero que seja um bom professor!

01-12-2001

Desejo

Eu quero ser a paz da minha terra,
O verde que cobre a serra,
Quero ser opositor de qualquer guerra!
Eu quero ser a paz dos namorados,
A verdade dos apaixonados,
Eu quero ser a resposta dos chamados!

Eu quero ser e é meu desejo, o oxigénio que alimenta o homem,
Quero ser o pão que mata a fome,
Quero ser a luz no dia
Um sorriso de alegria,
Quero ser o calor dos desabrigados na noite fria!

Eu quero ser a liberdade dos oprimidos,
A esperança dos desesperados,
O meu desejo é ser o alívio dos cansados!

Quero ser o pão na mesa do pobre,
O antibiótico para combater a febre
Quero ser a aurora na madrugada
O carinho para a mãe grávida,
Quer ser o advogado do feto
Eu quero amar a minha pátria com afecto!

Eu quero ser a união dos separados,
Quero ser o salário dos empregados
Eu quero ser a fé e a luta dos desempregados,
Quero ser o ar dos homens sufocados!
10-09-2003

Filho de um soldado

Eu, que os homens fortes pisam,
Eu, que nos bairros da cidade
Conheço o sabor do lixo e a cor da noite!

Eu, leitor dos livros empoeirados,
Eu, homem dos factos passados,
Sou simplesmente filho de um soldado
Com o pé amputado, que vive rejeitado!

Eu, que os filhos dos brancos (ricos) machucam
Eu, a quem a fome roubou a vida
Eu, que na amizade com um cão rafeiro faço saída,
Sou filho deste soldado, a quem o tempo roeu as forças!

Eu, tocador de violas de lata,
Sou escombros de um homem da mata,
Tenho o trilho da bota na pata,
Sou filho de homem cheiroso a pólvora e sem esperança,
Que hei de ter como herança?!

Eu, a quem as balas roubaram os ouvidos,
Eu, morador desta casa coberta de ruídos,
Sou filho deste homem sobrevivente
A quem a rigidez da mandioca roubou o dente!

Quero apenas um punhado de carne da boca dos abastecidos,
Quero um pedaço de terra vazia de guerra e corruptos,
Quero um pedaço de terra, que os pobres não temam os ricos,
Quero um pedaço de terra, onde os políticos
Saibam sentir fome, frio, nudez e vergonha,
Eu, filho de um de soldado, quero uma música que assanha
Os deputados dorminhocos nas horas parlamentares

A fim de que o sono não os leve à embriaguez
Que os faz votar em leis desumanas e orçamentos
Que tiram a paz de quem sonha!
07-04-2006

Fio de Água

Sou filho de um povo no deserto
Quero um fio de água que os esconda da sede,
Ó Deus, escuta a minha oração
Pois bondoso é o vosso coração
Rasga o deserto com um fio de água,
Sou filho daquele velho sem forças,
Vacas magras são nossas!

Ó Deus, eu sei que a seca e a chuva
Fazem parte do império da natureza,
Germinando dentro de si a semente nas entranhas da terra
Ó Deus, perdoa-me, sou um pobre coitado
Que de joelho rezou um bocado
Pedindo que a chuva caia sem parar,
Meu Deus, será que o senhor se zangou?
E por isso a chuva se retirou,
Fazendo aquecer com todo o sol que no céu há?

Meu Deus, eu pedi para o sol aquecer de mansinho
E quando chover que chovesse um pouquinho,
Para ver se nascia uma planta no chão
Meu Deus, se não rezei direito, o Senhor me perdoe
A culpa foi minha, um pobre que nem sabe fazer oração!

Meu Deus, sou filho desta gente seca,
Quero apenas um fio de água
Para molhar os lábios da vaca,
Que sempre nos dá leite,
Eis que a ausência da água deixa
A carne mais amarga que a morte!

Quero apenas um fio de água

Onde habitamos e coabitam as nossas

Vacas viúvas,

Para o boi não peço, pois ele é forte com um soldado das FAPLA!

15-06-2006

Gritos de mãe

Aqueles gritos que se ouvem
Clamando por respeito,
É a minha mãe que chora nuvem
De lágrimas pelo filho perdido em rapto!

Aquela voz feminina, mas adulta
Que ninguém quer dar ouvido
E que todos querem dar luta
É a minha mãe que chora pelo filho que virou bandido!

Eles dão essa luta com os seus actos
E aí a minha mãe chora amargamente
Ela diz que estas dores que sente
Chegam a ser pior que a de todos os partos!

A minha mãe chora pelos seus filhos
Que são meus irmãos vivendo falhos
Além da natureza humana, estes não,
Nada fazem que lhe agrade o coração!

Aqueles gritos da minha mãe ferem-me a alma,
Pois a minha mãe vive nostálgica recordando
Os seus bons tempos de menina
Quando nas suas veias corria sangue quente
E no seu rosto um alegre semblante!

Deixai a minha mãe chorar
Sozinha nas noites de luar,
Ela chora pelos meus irmãos
Mortos pela paz, mas se quiserdes a consolar
Não tragam flores nas vossas mãos!

Resgatai primeiro os valores éticos
Que os rapazes de ontem não souberam
Passar e que pretendem cobrar aos espíritos
Dos meus irmãos, dissipem as fontes de drogas
Em que eles involuntariamente se meteram!

Reprogramem-lhes a consciência
A fim de que possam detestar a ignorância
E apaixonem-se fortemente pela ciência!

Se acabarem com a corrupção,
Se terminarem com o separatismo absurdo
Se dividirem com equidade as riquezas deste chão,
Se transformarem o ódio em amor, o desgosto em agrado,
Aí sim, a minha mãe sorrirá
E as lágrimas que lhe molham o rosto secarão
A minha mãe não mais chorará!

A minha mãe cantará contente
Pelo seu filho que da N'gola é desistente
A minha mãe que acredito ser por vós desconhecida,
Porém, vo-lo digo, chama-se Angola
15-07-2007

Angola chama

Angola chama por ti meu irmão,
Ela precisa da força desta nova geração,
Ela chama e a voz sai-lhe como o rugir do leão!

Angola chama por ti meu amigo,
Ela chama-te na criança que quer ficar contigo
Chama-te para a esperança de um pobre mendigo!

Angola chama por ti meu rapaz,
Ela chama-te para celebrar a sua paz
Mesmo sem nada no cabaz!

Angola chama por ti vocacionado,
Ela chama-te na voz de um não baptizado,
Angola chama por ti empresário,
Ela chama-te na greve do operário,
Angola chama por ti homem nobre,
Ela chama-te na fome do pobre
E nas crianças do casebre!

16-06-2003

Tu que choras

Tu, que choras pela terra queimada
Sei é que dela que te sai a vida,
Não chores, o melhor é dizer não a guerra!

Ó tu, que choras pelo amputado,
Sei que é com ele que fazias o pão,
Não chores ainda tens uma força no coração
Que faz de ti um homem dotado
De inteligência e capaz de tudo!

Tu que choras pelo rio seco,
Sei que é nele onde tiravas a água que alimentava o teu milho,
Não chores, o melhor é arranjar um melhor boi para cultivar a terra
E dar o que de bom se pode dar ao teu filho!

Ó tu que choras pela porta que se fechou,
Sei bem que querias entrar,
Não chores, não fiques aí parado,
Eis que lágrimas e tristeza, dívida alguma pagaram
Lembra-te se bem souberes olhar
A porta estará mais aberta se deres o primeiro passo!
01-09-2008

À vós irmãos

À vós irmãos que caminhais comigo nesta estrada,
Não se esqueçam que ela é para uma nova vida,
Uma vida que nos impele a olhar para além do nosso umbigo!
E saber enxergar para lá do nosso nariz!

À vós irmãos que hoje descansais na sombra da mulemba,
Que não se esqueçam que a mim que hoje o sol torra,
Não deixará a mulemba de acomodar nesta terra!

À vós irmãos que fazeis troças da viuvez
E caminhais por esta estrada
De carro e apressados, não se esqueçam que nesta vida
O órfão poderá um dia ter vez!

À voz irmãos que olhais o pobre como um nada,
O mendigo como uma peça abandonada,
Não se esqueçam que estão no mesmo barco
Destinado exactamente ao mesmo porto!

À voz irmãos que não respeitais o cabelo branco,
Não se esqueçam que vós sois para ele o passado
E ele é inegavelmente para vós o futuro!

13-06-2002

Maldição

Ai de ti, ó terra que receberes
Semente abominada,
E maldito sejas tu, ó homem que semeares
Bem na beira da estrada!

Ai de ti, ó terra que suportas
A semente até a flor
E maldito que sem hortas
Semeias sem amor!

Ai de ti, ó terra que guardas
A semente no calor das tuas entranhas
E maldito sejas tu que semeias e não regas!

Ai de ti, ó terra que sacrificada
Liberta a semente com dor
E maldito sejas tu que semeias muito na vida
E nunca dás o devido valor!

Ai de ti, ó terra que chamas para si sementes alheias
E maldito sejas tu que semeias sem ideias,
Eis que chegará o tempo em que a terra cantará de alegria
E o camponês chorará inconsolável pela penúria!

11-11-2000

Do outro lado do rio

Do outro lado do rio
Está um homem
A quem o frio
Roubou barbaramente o nome!

Este rio vazio de água
Transporta humildemente
O sofrer e a grande mágoa
Desta minha sofrida gente!

Com o outro lado do rio,
Nos comunicamos
Pela via mais rápida e sem fio,
Com esta mesma via nos matamos!

Do outro lado do rio, há um segredo
Que a muitos mete medo
Quanto à mim! Humm, não me preocupa
Pois do outro lado do rio há um vazio que só nos mata!

O outro lado do rio esconde
A voz da verdade
E com voz certa ele responde
Quando o pedido for felicidade!

É difícil ver o outro lado
Do rio, só o é para o apressado,
Mas para quem bem conhece
As águas nunca se esquece
Antes ver o mais fundo lado
Para sentir-se atravessado!

O outro lado do rio esconde algo

Que nem compreende o lago,

Apenas a fonte!

30-01-2008

Era Chuva

Ontem o céu apareceu nu de nuvens

E o sol brilhou forte queimando os milheiros mais jovens!

E para a gente do mato

Cresceu o pensamento,

Pois estava no advento

De colher um gordo mantimento!

Era forte na gente do mato a esperança

E grande a sua crença

Nos deuses

Que os sustentava muitas vezes!

Esta gente de homens

Que olhava atenta

Para o céu despido de nuvens,

Vestido de uma cor cinzenta

De repente começou a desesperar

E num outro instante o céu começou a chorar!

Então a gente do mato aplaudiu de felicidade,

Eis que uma lágrima do céu traz prosperidade

Para toda a cultura, esta lágrima do céu, era a chuva!

01-02-2007

O algodão

Eu sei que no algodão
Estava a paz do vosso coração,
Por isso não temestes
A morte com que morrestes!

E assim partistes sob um chicote,
Partistes com um olhar forte
E tanto amor no coração,
Partistes com um olhar branco que nem o tal algodão
No silêncio quente do caixão!

Foi preciso a vossa morte
Para defender as terras da sorte
Do colono pobre e fraco sem o seu açoite,
A morte de voz não teve compaixão
Mesmo sob o olhar orgulhoso da exploração
Conseguistes realizar aquilo que Kalunga ordenara: a procriação!

Desta procriação nasceu-vos filhos
Que indagavam o grito por consideração,
Estes filhos proclamam-vos mártires da nossa terra!

04-01-2005

Que queres ó mulher?

Se Deus fez-te do lado do coração

Do homem para servir-te de protecção,

Que queres tu com este vestir de atracção?

Se Deus fez-te a mais bela criatura

Apetrechada de toda, mas toda a formosura,

Que queres tu, ó mulher com esta saia curta?

Se Deus fez-te com um olhar isento de qualquer tiragem,

Que buscas tu, com essa maquiagem?

Se Deus fez-te da costela de um único homem,

Um homem que de alegria sorria

Submisso à sua fome, que queres tu ó mulher com essa poliandria?

08-03-2005

Chamem-me combatente

Chamem-me combatente,
Mas não da linha de frente,
Pois este nome é para aquela gente
Que sorri contente pela vitória vislumbrante!

Chamem-me combatente
Porque caminhei 30 quilómetros em sol ardente
Em busca de uma geração
Perdida no túmulo do analfabetismo
Onde nem mesmo o amor com força de furacão
Encontra qualquer sinónimo!

Chamem-me combatente,
Mas só a mim é que deveis
Chamar com veemência
Eis o que vos digo, de mim a fome não tem clemência!

Sou combatente
Porque cabras e porcos,
Chapadas e socos
Mosquitos e picos
Convivem comigo!

Sou combatente sem galardão
Pois combati um bom combate
Com todo o meu coração
E de mim só mesmo a morte teve compaixão
A santa morte!

Chamem-me combatente,
A minha arma é o quadro negro
No qual o giz desliza insaciavelmente

Cujo pó é o meu oxigénio,
Será que até aqui nada valho?
Será que nada fiz para me reconhecerdes?
Nada fiz para pelo menos merecer
Um pedaço de felicidade, nada fiz para sorrir
Mesmo que não seja de alegria,
Mas sorrir de nostalgia?

Então chamem-me combatente,
Mas saibam que o que de vós
Recebi, nem mesmo para os corvos
Que fazem a minha serenata chega!
29-04-1999

É preciso pensar

É preciso pensar,
É preciso pensar no homem
Que queremos ser!

É preciso pensar,
É preciso pensar no país
Que queremos ter!

É preciso pensar,
É preciso pensar no inimigo
Que queremos vencer!

É preciso pensar,
É preciso pensar neste inimigo de todo angolano,
É preciso pensar neste inimigo
Que esconde centenas de almas do A e do B!
É preciso pensar,
É preciso pensar que em ti, ó professor
Está a verdadeira arma para combater-lo!

É preciso pensar,
É preciso pensar na fome
Deste homem combatente!

É preciso não pensar,
É preciso não pensar em sentir pena do nome,
É preciso ignorar a fome
Que nos corrói para não sermos

Amigos do inimigo!
É preciso pensar
É preciso pensar na criança

Que quer ser esperança

É preciso pensar

É preciso pensar como faze-la esperança!

01-06-2006

Se eu chorar

Se eu falar, não me pergunte por que falo;
Pense primeiro no que me faria falar,
Se eu cantar, não me pergunte por que canto,
Pense no que me faria cantar!

Se eu apressado andar, não me pergunte por que ando,
Pense no que me faria andar apressado,
Se eu cair, não me pergunte por que caio,
Pense no que me faria cair!

Se eu viver, não me pergunte por que vivo,
Pense no que me faria viver
Se eu chorar, não me pergunte porque choro,
Pense no que me faria chorar!

Se eu morrer, não me pergunte por que morro,
Pense no que me faria morrer,
Eu vou chorar só não me pergunte por que choro,
Eis que é por esta vida o meu chorar!

13-04-2008

Na rua onde eu moro

Eu moro naquela rua
A qual ninguém sonha ser sua,
É minha aquela rua onde ninguém quer viver!

Eu moro naquela rua
De buracos e muita poeira
Onde faz-se muita fumaça
E só se fala asneira!
Faz-muita fumaça por quê?
Porque o fumo é a única arma
Contra todo o mosquito,
Fala-se asneira porque lá não há
Escolas nem larito!

Eu moro na rua dos bandidos
E das prostitutas
Por mais que tivesse gritado
Ninguém me escuta,
Na rua onde eu moro reina maldade
Mas não falta vontade,
O que falta é só oportunidade!

Na rua onde eu moro, falta oportunidade
Para transformar a força de vandalismo
Em força para o construtivismo
E o gosto pela prostituição
Transformar em força para o amor e a união!

Na rua onde eu moro, reina o gosto pela cerveja,
Faz-se ausente o espírito de igreja,
Mas eu tenho um sonho
E sonho, por mais um somente seja,

Eu sonho, por esta razão, veja
Que eu creio, embora sozinho,
Eu creio na mudança
Por isso alimento ainda uma esperança!

Eu tenho esperança que um dia
A tristeza dos mais velhos em alegria
Se transformará, lá na rua onde eu moro!

Eu tenho esperança que da cerveja
Os meus confrades sentirão tristeza
E dos grupos de bandidismo
Transformarão em associativismo!

14-03-2015

O que a verdade não disse

Sabes, do que a verdade não disse?

As maldades que fizeste,

O irmão que mataste,

As mães a quem mentiste!

O embrião que feto queria ser,

E que tu não o deixaste nascer,

O empregado que queria reclamar

E que tu não o quiseste falar!

O homem que quis salvar

Uma humanidade,

E que tu o obrigaste a amar

Com grande falsidade!

Mas a verdade disso tudo nada disse,

Apenas disse o que nem em sonho,

Nunca e já mais serás,

Disse que eras um bom homem,

Que a ninguém tratavas com desdém,

E que nunca quiseste nada sozinho!

Das cubatas que queimaste,

Dos rios que secaste,

Dos bois que roubaste,

Dos homens que feriste,

Do casal que separaste,

Disso tudo a verdade nada disse!

Disse mentindo que eras um bom pai,

Que de ti nenhum mal sai,

A verdade disse falsamente que eras humanista,

Que só querias paz e festa!

Mas das mulheres que engravidaste,
Das virgens que violaste,
Dos velhos que embriagaste,
Dos teus filhos entregues a sorte,
Das noites que sabotaste,
Dos olhos que segaste,
Dos ouvidos que ensurdeceste,
Dos pés que amputaste,
Das pontes que partiste,
De todas as escolas que destruístes,
Das estradas que com as suas botas esburacaste,
Disso a verdade nada disse!

Apenas a verdade disse
E falou das esmolas que deste,
Dos buracos que tapaste
E das pontes que colaste!
Quem dirá o que a verdade não disse,
Quem fará o que o amor não fez!

Eu acredito que a verdade dirá o que é verdade,
A verdade dirá e trará toda
A verdade no tempo contida!

22-2-2004

Encontrem-se

Encontrem-se ó homens que detêm a voz da maioria
E vejam quantos lares a guerra destruiu, tirando a alegria
De viver, pensem em quantas crianças ficaram por nomear!

Encontrem-se, ó homens que controlais o cérebro
Dos pequenos e pensem em quantas cidades a guerra destruiu,
Quantas este vosso negócio (guerra) despovoou,
Quantas viúvas e órfãos ela deixou!

Encontrem-se ó homens condutores deste mundo,
E pensem em quantos malucos vivem andando
Em cada lixo das cidades e por baixo de pontes feito ratos,
Quantos homens abandonados pela vida não vivida!

Encontrem-se, ó homens que deténs o poderio
Para guiar o destino deste mundo,
Que se não se encontrades, o precipício
Será o seu único destino!

Encontrem-se e pensem,
Pensem quantos homens morreram
Sem nunca poder amar,
Pense nas vozes que gritavam
Inutilmente nos bosques por causa
Do vosso negócio de tanto guerrear!

Encontrem-se, ó homens inteligentes deste mundo
E pensem atentamente na terra que o sangue molhou,
E que por conta disto, estéril ela se tornou,
Pensem!

Pensem nos cadáveres que a terra sozinha sepultou,

Dos milhares de homens que esta vida rejeitou,
E que gentilmente a mina que construístes amputou!

Pensem no homem forte que tombou,
Nos campos de batalha feitos nas florestas
E nos bosques, quais planeta de bômbis e pacaças,
Cuja carne hoje sabe a carne humana!

Encontrem-se e pensem na paz,
Na paz para todo o mundo,
Não pensem nas divisões deste ovo
Que se chama planeta terra,
Pois são apenas divisões geográficas,
Hemisfério sul; hemisfério norte!

Embora uns sejam do ocidente
E outros do oriente; embora
Uns sejam brancos e outros negros,
Uns muçulmanos e outros anglicanos,
Embora uns sejam Israelitas e outros judeus,
Ricos e pobres, inteligentes e analfabetos,
Pensem e saibam que somos todos da mesma espécie!

Somos todos da espécie humana, aquela e a única
Que pensa, que sente, que sangra sangue igual,
Que chora e que fala, por quê não gritamos
Em uníssono! NÃO À GUERRA EM TUDO O MUNDO
17-04-2000

Gente que Chora

Sabem, nas terras de Tyimbundo
Não há gente que canta sorrindo,
Há sim, uma gente que vive plantando
Naquele chão regado de sangue
Sementes de um mundo que
Se espera mais inclusivo em que se pode viver amando!

Aquela gente que desde a sua existência não
Conhece se quer de júbilo uma canção,
Apenas chora o pranto de uma vida roubada
Pelos homens fortes munidos de uma ambição
De que nunca se achou medida!

Sabem, aquela gente não chora pela guerra,
Muitos menos pelos seus filhos
Que impiedosamente esta e sua terra
Engoliu, esta gente chora pelos olhos
Cegos para qualquer leitura dos fenómenos vitais!

Aquela gente que não sabe nada de nada,
Apenas culpa Tyiwaku
de ser causador das malambas
que assolam o Kuvango!

Só não percebo por quê aquela gente
Da qual sou descendente,
Culpam Tyiwaku pelos nervos de Leconntte
Uma vez que só quis se defender e se mostrar como Mwene!

Aquela gente quer saber tudo por tudo,
Da vida, do mundo, não o seu mundo,
Aquele mundo dos casebres e Vipundo

Mas o mundo dos brancos como Leconntte

Onde o saber se esconde!

07-05-2009

Doar sangue

Será que é mesmo pecado doar sangue,
Ou é desumano ver alguém morrendo
Por uma doutrina humana?
Será que é mesmo pecado doar
Uma parte da minha vida e mostrar o meu amar,
Ou é descarado ver a morte como saída
Uma morte que bem se pode evitar!

Saída para aqueles que se encontram
Embalados pelas pandemias
Que nem mesmo da alegria
Da mãe que acaba de dar luz
Elas se compadecem!

Ó Deus, olha só como o homem
Condena a caridade que vós mesmo
Instituíste para a felicidade na terra
Estes homens que agora com falsas doutrinas
Dizem sangrentamente, que é pecado doar sangue,
Quanto a mim, deixem-me em paz!
Deixem-me em paz que vou amar,
Vou amar para doar
Vou doar para poder salvar
E se é pecado dor sangue,
Então também é pecador
Jesus Cristo, o primeiro dador da humanidade!
14-06-2009

Não foi você?

Não foi você, que diante do altar
Abriu a boca para falar,
Falar aquilo que ninguém te obrigou,
Nem mesmo aquela pela qual você
Voluntariamente se apaixonou,
Aquela pela qual você mesmo afirmou
Ser a mais bela que o seu olhar já viu?

Ela não te obrigou,
Apenas você mesmo se apaixonou
E deixou que a ilusão
Tomasse conta do seu coração!

Mas não foi você que jurou
Ama-la na prosperidade
E na infelicidade,
Que só seria possível
Uma separação através da morte?
Então, e agora José?

Já te enjoaste, mas não foi de amor que
Te embriagaste, para ebriamente
Fazer juras de amor que hoje chamas de loucura?
Agora já não amas?
Já não é bela aquela mulher
Que dizias ser a dona do seu querer?
Onde está a fidelidade que prometeste?
São as noites que passas nas ruas e nas tabernas
À mercê das prostitutas, alimentando-se de *cabrité*?

Já não é bela aquela mulher que outrora resplandecia
A luz do seu olhar, este que agora já não te atraem,

Então, por quê andas de rua em rua, de cama em cama,
Distribuindo prazeres, fazendo a lágrima da mulher que te ama?
Então diga-me, mas não foi você, que dizias ser ela
A única da sua vida, que serias fiel para ela,
Será que é assim que se é fiel,
Passando noites no quarto de qualquer hotel?

17-03-2004

Profecias de amor

Assim diz o Senhor dos exércitos:

Amai-vos uns com os outros,

Amai-vos com maior amor!

E eu como ninguém amou, amei

Pois, até a minha lágrima dei

E no meu coração chorei!

Amei como está escrito

No livro sagrado,

Amei com todo o meu espírito

E com todo o meu agrado!

Então, também digo-vos,

Amem, mesmo que de vós

O amor se ria,

Amem e não escondam

A estrondosa voz da vossa alegria!

Fazem-se ao amor e o amor

Vos defenderá de qualquer dor,

E abrir-se-ão as portas da felicidade,

Crepúsculo de paz!

Amem, nos conventos

E nas prisões,

Nos pensamentos

E nas ilusões!

Amem, porque sereis bem-aventurados

Todos vós desta terra desprezados,

Não tenhais medo do amor,

Porque o amor faz a rocha amolecer,

Faz o introvertido enlouquecer
Prestai atenção a voz do que fala
Neste deserto de paz, onde a dor se embala!

É o amor que faz o sentido da vida e da paz,
É o amor que estampou as estrelas do Céu,
É o amor que mostra a inocência do réu!

O amor faz a terra aquecer a semente para germinar,
Faz a guerra escarnecente terminar,
O amor faz o sol irradiar a luz e o calor na dose certa,
Faz a lua iluminar a todo o canto do planeta,
O amor faz a chuva cair na dose certa
Faz o pai falar-nos sem paranóias!
Por isso, amem, amem mesmo que o vosso coração
Se trespassado por um facão
De dois gumes, amem!

Para quem crer,
Ainda que morrer
Amará fortemente
E será amado eternamente!
Não tarda,
Cumprir-se-á esta profecia!
07-02-2003

Propagandas de amor

Vinde a mim, todos vós
Que andais sós,
Eis que me encontro
Sozinha neste encanto!
O meu rei
Já não se encontra
No palácio, saiu para uma batalha,
Se volta ou não, já não sei!

Deixou-me sozinha,
mas com todo o poder,
Vinde e vamos juntos beber
Do vinho que eu mesma amacei
Com as uvas da nossa vinha!

O Rei deixou-me numa cama
Toda feita de madeira fina,
Adornada de cobertas feitas de seda!

Vinde e inebriemo-nos,
Envolvamo-nos nos lençóis da cama,
Refresquemo-nos com o ar do nosso respirar!

Beija-me toda! Faz biz,
Deixai a vossa serpente
Tocar fortemente
O meu púbis!

Vamos nos amar
E de amor nos embriagar,
Ainda que batam na porta,
Não vamos abrir

Vamos sorrir,
E só vamos nos levantar
Quando o sol raiar!

E quando se fizer dia,
Vamos sair de mãos dadas,
Andar pelas calçadas,
Vamos correr de alegria!

Vamos descer ao pomar
E colher a primeira fruta,
Vamos nos banhar
Nus com água da cascata!

Vamos nos alimentar
Unicamente de beijos,
Eis que a minha fome é de desejos,
Prometo que não vamos nos fartar!

Se me engravidar... hum! Se me engravidar,
Vamos ter um filho... não tenhas medo,
De beijo o vamos sustentar
Ó meu amado!

07-07-2007

O SIDA

O SIDA

Não tem vida, mas leva vida,
Não tem rosto, mas é injusto!

O SIDA

Não tem pernas, mas anda nas tabernas,
Não tem peso, mas faz enterros,

O SIDA

Não tem olho,
Mas morada,
Não é velho
Mas mata gente nova!

O SIDA

Não tem escolhas,
Mas anda nas escolas,
Ele não reza,
Mas também está na igreja!

O SIDA

Não tem passaporte,
Mas passa em qualquer
Fronteira com segurança forte!

O SIDA

Não tem peso, mas ocupa espaço,
Ele não é homem,
Mas tem nome,
O SIDA meu amigo, tem registo!

O SIDA

Não é inteligente,
Mas vive com o Estudante,
Não é cabeleiro,
Mas vive com o barbeiro,
Não é acolito, mas pode
Com um padre andar,
Não é baptizado,
Mas ele pode com Pastor morar!

O SIDA

Não ama, mas faz sexo
Ele não anda, mas também não é fixo,

O SIDA

É pobre, é iniquo,
Vocês não acreditam, vive com o homem rico,
A olho nu o SIDA não é visível,
Mas para todos os homens é 100% prevenível!
10-07-2009

Haja chuva

Haja chuva no céu e na terra,
Nos rios e na serra,
Nas terras secas
E nos rios de pescas!

Haja Chuva, para o agricultor
E também para o pescador,
Abra as comportas
Ó meu bom Deus para irrigar as minhas hortas!

Não sei ler e nem sei escrever,
Mas, mais do que ninguém sei ver
Quando é que há chuva e sei saber
Quando é que o tempo pode ser!

Haja chuva, pois, se não sei de costura,
Sei tudo de agricultura,
Se não sei nada de engenharia,
Sei tudo de pecuária,
O que mais importa, é que haja chuva!

Haja chuva nas terras férteis
E nos campos argilosos,
Haja chuva nas terras estéreis
E nos terrenos pedregosos!

Haja chuva para os milheiros fortes
E para o canavial débil,
Haja chuva para o milho-miúdo
E também para o trigo crescido,
Haja chuva até mesmo para o joio!

Haja chuva para que leve o lixo da rua,
Haja chuva para que tenhamos um bom vinho,
Haja chuva para que se mova a pedra
Do meu velho moinho!

Haja chuva, pois sei nada de barbeiro,
Sei tudo de pedreiro,
Se não sei nada de padeiro,
Sei tudo de carvoeiro!

Haja chuva, se não sei nada de enfermagem,
Sei tudo de olaria,
Haja chuva, se eu não sei nada de literatura,
Sei tudo de apicultura,
O importante é que haja mesmo chuva!

10-12-2008

Pedido de Morte

Não quero viver,
Eis que nada me apetece fazer,
Nada me apetece fazer, porque nada sei,
Eu não sei nada de nada, porque nunca estudei!

Eu nasci sustentado por braços com grilhões,
Nasci no ribombar dos canhões,
Eu nasci por baixo de tiros de arma,
Toda a minha infância foi na mata!
Por favor deixai-me morrer,
Pois de nada me adianta viver,
Estendendo a mão a cada gente
Que por mim passa rapidamente!

Eu sei e tenho noção de que não vivo,
Apenas insignificamente existo,
Por isso não sei o que fazer
Se não mesmo pedir para morrer!

Também sei que sou um nada,
Sou o resto de homem
Fruto da piedade da fome,
Sou refém em permanente castigo desta vida,
Esta que se recusa a me dar uma saída!

Deixai-me pelo menos morrer,
Morrer para não enlouquecer,
O que mais me vale, morrer
Ou eternamente padecer?
Não! Não! de mim não tenhais piedade,
Juro-vos, abomino a vossa caridade,
A minha mãe, esta já sabe!

A minha mãe sabe da dor que me invade,
Mas infelizmente sozinha nada pode!

Abram-me o peito,
Não será falta de respeito,
Se for com um facão melhor,
Já não sinto nenhuma dor,
Tirai-me a vida,
Pois só isso é que me agrada!

Não quero holocaustos,
Muito menos regatos
Para matar a sede que o vosso excesso de água que causou,
Rejeito celeiros,
Para me esconder da fome que a vossa fartura me ofertou,
Por favor deixai-me mesmo morrer!

11-11-2005

Choros à Luanda

Ai! Ai! Ai ó minha terra,
Não foste assolada pela guerra,
Mas vives tão turbulenta
Ó minha amada Luanda!

Não nasceste do nada,
Mas vives para o nada,
Foste protegida pela água
Para que a fome e a sede em ti não tivessem vaga!

Ó Luanda da minha gente,
Gente que já não vive humanamente,
E se esquece rapidamente da irmandade
E se entrega fortemente para a maldade!

Ó Luanda minha terra querida,
Quando nasceste ladeada de templos
E igrejas que te dava vida,
Não existia homens que davam maus exemplos!

Nasceste de homem sábio
E de sábias arquiteturas
Que até Deus quis ser sócio,
Mas hoje chamam-te a capital do vício!

Chamam-te a capital do vício
Onde homens jovens
Se dirigem cômicos ao precipício,
Fumando liamba
Chupando gasolina
Nos teus becos ó Luanda!

Ó Luanda dos jovens
Que vêm de perto e de longe,
Do Huambo, do Kuando Kubango,
De Malange, da Huíla e do Quipungo
Do Uíge e até mesmo do Namibe
Estes jovens que vêm movidos pela fome
E pela força da nudez,
Para não alinharem nos gangues
E muitos menos nas boladas!

É pois isso que eu choro por ti
Ó Luanda dos poetas
E que também os patetas
Te querem falsamente servir!

Ai, vejam só como o lixo
Se apodera dos seus encantos
E os bandidos se fazem nos seus recantos,
Roubando telemóveis e matando por dinheiro

A todos quanto te visitam, até ao estrangeiro!
É nos becos dos seus musseques
Onde se fazem bebés,
E nas suas avenidas se fazem mortes,
Pois isso só me apetece chorar quando te vejo
Nos beijos do pai que viola a filha!

Já não há gente solidária,
Em ti já não há gente hospitaleira,
Há sim gente que odeia e gente que ri!
18-07-2009

Identidade

Eu sou aquele homem
Vindo do nada,
Criado pela fome
Porém, esquecido pela vida!

Sou aquele homem das lixeiras,
Lambedor no lixo de latas,
Varredores das ruas da Machiqueira,
E as minhas patas,
Estas só não gastam, mas estão cobertas
Totalmente de poeira!

Pão para o Mata-bicho,
Ou mesmo chouriço
Nunca tive, apenas conheço
Graças ao meu nariz pelo cheiro!

Sou aquele homem sem nome,
Rejeitado pela morte
Mas recebido pela sorte qual madrasta
Sou aquele homem se lembrança
E sem qualquer esperança!

Por isso, é que nem mesmo que em luta
Eu quisesse gritar nas igrejas e nos partidos
Nas ONGs e nos bandidos,
Ninguém, mas ninguém me escuta!

De tanto calar a minha voz tornou-se muda,
Mesmo querendo eu mudar o mundo da guerra,
Da fome, do ódio, ninguém me ajuda!

Eu sou um homem sem norte,
Sou resto de uma morte
Que se esconde de mim tal qual
Um zungueiro (a) foge de um fiscal,
Sou um homem sem instrução
Sou o pó das estradas esburacadas,
A ferrugem das chapas do antigamente
Eu sou o destino das chapadas,
Eu sou o ninho dos mosquitos
Com apenas uma perna não tenho formação
Juro-vos, não sei o que é a felicidade,
Mas acreditem, está é a minha identidade!
22-07-2009

Canto ao álcool

Ó álcool que estás presente
Em todo o mentol
E ainda no estupefaciente!

Deixe-me pelo menos parar,
Para poder pensar
Pensar no que seria
Se eu não te tivesse conhecido,
Ó álcool, por favor
Mesmo que não seja por amor,
Pára e pensa quanta dor
Tu causou, apesar de algumas que você desmaiou,
Tu não poupaste a minha família!

Mesmo nos momentos mais difíceis te quero ver,
Se eu perder a coragem, nem como amigo te quero ter,
Mas se eu me ferir,
Aí sim, me podes vir servir!

Mas por favor finda toda a sua acção
Dentro deste meu coração
Que já é teu!
Chega e deixa em paz o professor,
Deixa de fazer o terror
Nas estradas, deixa pelo menos uma vida!

Não é só você que me precisa
A nação também espera de mim alguma coisa,
Mas se continuares assim, em cada esquina que passo,
Em cada biscato que faço
Nada serei
E nada farei!

Por favor, fica só pelo menos no hospital!

Ah! Lembrei-me que não tens ouvidos,

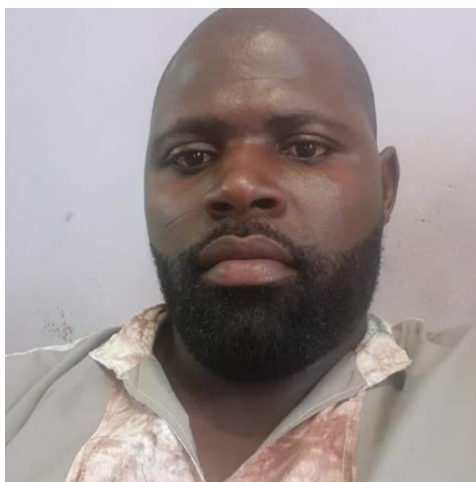
De mim depende tudo,

E se tudo depende de mim,

Então tenho de te dar um fim!

25-12-2003

Sobre o Autor



João Domingos Katombela, filho de Domingos Lucas e de Graciana Ngueve Katombela, nasceu aos 11 de Novembro de 1984 no município da Matala, província da Huíla, é estudante do curso de Direito pelo Instituto Superior Independente do Lubango. É jornalista de imprensa Rádio, residente na cidade do Lubango.

Iniciou a sua carreira artística como actor no grupo estrelas encontradas, e escreve desde 1999 nos diversos géneros literários. É vencedor do premio provincial de jornalismo na categoria de imprensa, edição 2019.

A VIDA DO MORTO

Autor: JOÃO KATOMBELA

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"
Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico
Belson Pedro Raimundo Hossi

Todos os direitos desta obra reservados a

JOÃO KATOMBELA

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

